

EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E EXPRESSIVIDADE ESTÉTICA: ALGUMAS OBSERVAÇÕES

Alex Sander da Silva – UNESC

Agência(s) Financiadora(s) FUCRI/UNESC

Resumo: neste trabalho pretende-se fazer algumas observações sobre questões que envolvem a relação próxima entre educação, filosofia e a literatura, sobretudo, considerar que os problemas civilizatórios, estão interferindo diretamente nas orientações educacionais atuais. Para refletir criticamente sobre isso, orienta-se este ensaio a partir de algumas considerações de Theodor W. Adorno, que em suas interpretações, entende porque a humanidade, ao invés de realizar seus potenciais emancipatórios, caminhou em direção contrária. E para explicitar essa contradição, em termos educacionais, nos valem de seu pensamento crítico expressivo.

Palavras-chaves: educação, filosofia, formação cultural, estética

Observações preliminares

A ruptura com antigos parâmetros, as chamadas crises de valores, a crise das ideologias, são realidades que se *mostram* cada vez mais *presentes* em nossa era de globalização capitalista. Estamos no limiar de um tempo em que, por um lado, se vislumbra a “apoteose” do progresso técnico-científico, com suas transformações organizativas, com seu caráter de transitividades do conhecimento. Por outro lado, nos deparamos com inúmeros aspectos problemáticos, que estão a gerar, em termos freudianos, um *mal-estar* civilizatório com guerras, fome, violência, crises em muitos graus e sentidos.

A necessidade de reflexão para tais questões tornou-se uma marca central de uma educação atenta para com as problemáticas desse nosso tempo. Desse modo, cabem aos educadores algumas questões importantes: Como situar a educação no horizonte dos problemas contemporâneos? Como pensá-las nesse momento em que floresce cada vez mais aspectos de barbárie civilizatória do que aspectos de *emancipação* da humanidade?

Proponho neste trabalho fazer algumas observações sobre essas questões, sobretudo, considerar que os problemas civilizatórios, interferem diretamente nas orientações educacionais, particularmente, as questões relacionadas a sala de aula. Para refletir criticamente sobre isso, me oriento nesse ensaio a partir de algumas considerações de Theodor W. Adorno, que em suas interpretações, entende porque a humanidade, ao invés de realizar seus potenciais emancipatórios, caminhou em direção contrária. E para explicitar essa contradição, em termos educacionais, tomo de empréstimo seu pensamento crítico expressivo.

A exposição que segue pretende fazer três observações, que de um modo ou de outro se convergem entre si: a primeira, diz respeito sobre a dialética inerente entre as expressões formais da racionalidade ocidental que se instrumentalizou, orientando modos de pensamento e de vida. A segunda, diz respeito aos desdobramentos (des)educativos da razão instrumental a partir do endurecimento daquilo que Adorno chamou de semiformação. E, por fim, aponta-se uma terceira observação sobre a potencialidade pedagógico-formativa de uma “racionalidade expressiva” na educação e na filosofia. Aqui se faz presente a necessidade de aproximação entre a educação, a filosofia e a estética, a partir de uma racionalidade aberta que possa dar conta dos desafios formativos contemporâneos.

Primeira observação: Theodor W. Adorno e a crítica à razão instrumental

O pensador alemão Theodor Ludwig Wiesengrund (que mais tarde adotou o sobrenome materno Adorno) (1903-1969), é considerado um dos autores fundamentais do século XX. Sua obra transita por diversas áreas do conhecimento tais como: a filosofia, a sociologia, em estudos da psicanálise e das ciências históricas, além da crítica musical. Seu diagnóstico acompanha as produções da primeira geração da Teoria Crítica, reunida no *Instituto de Investigação Social*, em Frankfurt, na Alemanha.¹

Mesmo numa abordagem preliminar das obras de Adorno, podemos destacar de antemão dois aspectos importantes, intimamente relacionados entre si. Primeiro, implica na crítica a razão ocidental, como crítica ao esclarecimento moderno (*Aufklärung*). Segundo, aponta para o aprofundamento do sentido da negatividade dialética e da expressividade estética da razão, como elemento potencial da autorreflexão crítica do pensamento e da subjetividade.²

Tais questões encontram no conjunto de suas obras um lugar privilegiado, sobretudo, em seu diagnóstico do desenvolvimento do capitalismo avançado. É igualmente fundamental compreender a obra de Adorno numa transformação da Razão de uma pura teoria, para uma racionalidade expressiva. Isto é, para Adorno, a positividade da razão alijaram-se de seus compromissos de emancipação, sendo necessário uma razão negativa.

No seu entendimento, os elementos do pensamento que buscavam autonomia, desmitologização e emancipação do indivíduo tornaram-se mecanismos de poder e repressão. Assim, o esclarecimento (*Aufklärung*), por exemplo, ao invés de proporcionar o desenvolvimento das potencialidades humanas, reproduziu um sujeito tutelado, assujeitado pelos próprios mecanismos repressivos da realidade e da racionalidade.

¹ O que se convencionou chamar como “Teoria Crítica” da Escola de Frankfurt pautou-se nos trabalhos de um grupo de estudiosos que se reúnem para empreender uma análise que vai desde a transformação do capitalismo liberal do século XIX nas democracias de massa do século XX, de um lado, e das formulações totalitárias do tipo nacional-socialismo e stalinismo de outro. Encontra-se com detalhamentos a trajetória do Instituto em diversos trabalhos, entre eles destacamos: *La imaginación Dialéctica* de Martin Jay (1988); *A Escola de Frankfurt: História, Desenvolvimento Teórico, Significação Política* de Rolf Wiggershaus (2002); *A teoria crítica ontem e hoje*, de Barbara Freitag (1988); *Escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo*, de Olgária Matos (1993); *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*, coordenado por Bruno Pucci (2001).

² Ver detalhes em: JAY, Martin. *Adorno* (1988); JIMENEZ, Marc. *Para ler Adorno* (1977); ZUIN, A. A. S; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. *Adorno. o poder educativo do pensamento crítico* (2001) SOUZA, R. Timm. Adorno e a razão do não-idêntico, in: *Razões plúrais: itinerários da racionalidade ética no século XX* (2004).

No texto *Dialética do Esclarecimento* (1985), a teorização crítica de Adorno em parceria com Max Horkheimer, marca as aporias da Razão. Para ambos os autores, os limites do esclarecimento demonstraram a imensa fragilidade das promessas não cumpridas na ciência, na tecnologia e no conhecimento. A promessa de uma sociedade civil justa, consolidada sob as “luzes” da razão, ficou obscurecida pelas “calamidades triunfais” que o século XX foi testemunha.

Adorno e Horkheimer explicitam o objetivo do esclarecimento que era livrar o ser humano do medo e transformá-lo em senhor de si e da natureza, tanto interna quanto externa. No dizer dos autores “o programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo” (ADORNO E HORKHEIMER, 1985 p.19), isto é, a pretensão do esclarecimento era suplantando o mito pelo saber racional. Não qualquer saber, mas principalmente, aquele que pudesse ser convertido em “progresso”. Aquele saber calcado na calculabilidade e na utilidade prática da modernidade esclarecida.

Conforme Adorno e Horkheimer,

Na redução do pensamento a uma aparelhagem matemática está implícita a ratificação do mundo como sua própria medida. O que aparece como triunfo da racionalidade objetiva, a submissão de todo ente ao formalismo lógico, tem por preço a subordinação obediente da razão ao imediatamente dado (1985, p.38).

Para os frankfurtinos, a racionalidade vinculada ao poder tem como eixo central à dominação da natureza e conseqüentemente do próprio ser humano sobre si e sobre seu semelhante. Esse domínio da natureza pressupõe que o ser humano degrade a natureza e a si próprio como mero objeto tornado *coisa*:

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das relações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo (1985, p.40).

Com essa mentalidade: “O que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento” (1985, p.21). A racionalidade humana para ser eficiente, sob esse referencial, deveria ser capaz de incorporar o complexo sistema científico e tecnológico ao seu desenvolvimento, e colocá-lo a serviço da produção. “No trajeto para a ciência moderna, os homens renunciariam ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade” (ibid.).

A lógica da razão instrumental, ao estar intimamente interligada com a economia, na pretensão de ser eficiente e eficaz, instrumentaliza a própria relação dos indivíduos entre si. A racionalidade humana se transforma em instrumento disfarçado de perpetuação da repressão social do capitalismo. “As mesmas equações dominam a justiça burguesa e a troca mercantil” (1985, p.22), pois, avalia resultados das relações sociais a partir do cálculo do “equivalente universal” da economia na “troca de mercadorias”.

O aparelho econômico, antes mesmo do planejamento total, já provê espontaneamente as mercadorias dos valores que decidem sobre o comportamento dos homens. A partir do momento em que as mercadorias, com o fim do livre intercâmbio, perderam todas suas qualidades econômicas salvo seu caráter de fetiche, este se espalhou como uma paralisia sobre a vida da sociedade em todos os aspectos (1985, p.40).

Como se não bastasse, essa dominação alcança os mais recônditos espaços da subjetividade. Escraviza o sujeito e submete-o aos caprichos de uma razão formalizada e calculista. Para os frankfurtianos “A lógica formal era a grande escola da unificação” (IBIDEM, p.22). Desse modo, ela ratificou assim, a lógica do aparelhamento técnico. Essa razão é, por princípio, totalitária na medida em que submete a natureza e a sociedade, despidas de qualidade ao cálculo da mera quantificação, à matemática da dominação.

Para Adorno e Horkheimer,

Com a difusão da economia mercantil burguesa, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora, sob cujos raios gelados amadurece a sementeira da nova barbárie. Forçado pela dominação, o trabalho humano tendeu sempre se afastar do mito, voltando a cair sob o seu influxo, levado pela mesma dominação (1985, p.43).

Com a equivalência abstrata da troca mercantil, o capitalismo totalizou e dinamizou, pela “razão calculadora”, a redução do mundo a grandezas abstratas da *matematização*. Dessa forma, “quanto mais complicada e mais refinada as aparelhagens sociais, econômicas e científicas, para cujo manejo o corpo já há muito foi ajustado pelo sistema de produção, tanto mais empobrecidas as vivências de que ele é capaz” (1985, p.47).

Para Adorno e Horkheimer, as construções de sujeitos autônomos, esclarecidos, aparentemente portadores de ideais progressistas, contraditoriamente, se revelam extremamente simpáticos às práticas racistas e fascistas.³ Com o totalitarismo do mercado global e onipre-

³ Sobre isso há inúmeros artigos e livros dos frankfurtianos sobre a questão do fascismo, escritos especialmente por Adorno, Horkheimer, Löwenthal e Guterman, durante o exílio norte-americano, dos anos 30 aos 50. Um deles é: *A personalidade autoritária*, que é resultado de uma pesquisa feita entre 1944 a 1947, dirigida por Adorno junto a psicólogos clínicos e sociais da Universidade da Califórnia em Berkeley, publicada pela primeira vez em 1950.

sente, a crítica ao esclarecimento como razão instrumental, tornam-se evidentes e necessárias para as contradições performáticas do capitalismo. Segundo Zuin (1999, p.15),

É no capitalismo que o Esclarecimento aferra-se ainda mais a sua contradição iminente: nunca houve na história da humanidade um período como esse, não qual o progresso incalculável das forças produtivas fosse atrelado a uma degradação inédita tanto da natureza externa quanto a natureza interna. O devaneio da formação, que representa o ápice do desejo de reconciliação do Esclarecimento com a sua própria contradição interna, sobreviverá apenas no plano ideológico na sociedade do capitalismo tardio.

As formulações críticas ao capitalismo se mostram profundamente atuais, visto que a emancipação pretendida apresenta-se, senão bloqueada ou limitada pelas relações sociais vigentes. Inclusive a perspectiva da emancipação e autonomia dos sujeitos, presentes nas promessas iluministas, revelam as contradições performáticas do próprio sistema. Bem como a identificação do saber num total “empobrecimento do espírito” e as idiossincrasias do sujeito esclarecido, demonstram a *impotência* dos indivíduos diante daquilo que é apresentado atualmente como realidade.

Segunda observação: o endurecimento da semiformação e negatividade dialética

Para Marcos Nobre (1998, p.30-31), se na *Dialética do Esclarecimento* Adorno se ocupara com a interpretação da “nova espécie de barbárie”, no período posterior, ele passaria a perguntar-se “como é possível que a emancipação não tenha se dado e continue a não se dar?” Adorno reconheceria que no capitalismo tardio se legitimaria e ao mesmo tempo evidenciaria, através do assentimento dos indivíduos, uma sensação de impotência e acomodação frente ao domínio imposto administrativamente.

Esta impotência, ao lado do apelo ao exercício de uma pseudoformação, levaria os indivíduos a manifestarem as mais diversas rejeições, da cultura e do sistema, que por sua vez, o próprio sistema voltaria a alimentar-se dessa rejeição. De modo que, embora houvesse os potenciais de emancipação na realidade concreta, eles ainda assim permaneceriam bloqueados. Para Nobre (1998, p.31), a não efetivação da emancipação direciona para um *continuum* da dominação social existente, cujas linhas interpretativas teriam sido dadas primeiramente pela *Dialética do Esclarecimento*.

No ensaio “*Theorie der Halbbildung*”, traduzido por “Teoria da Semicultura ou Semiformação”, Adorno considera que não apenas a formação cultural (*Bildung*) estaria comprometida, mas as diversas dimensões da vida estariam submetidas à totalização da domina-

ção instrumental da razão. As novas formas de *sujeição* são deliberadas justamente pela construção social de uma formação cultural prejudicada.

Adorno sustenta que:

Reformas pedagógicas isoladas, indispensáveis, não trazem contribuições substanciais. Poderiam até, em certas ocasiões, reforçar a crise, porque abrandam as necessárias exigências a serem feitas aos que devem ser educados e porque revelam uma inocente despreocupação frente ao poder que a realidade extrapedagógica exerce sobre eles (ADORNO, 1996, p. 01)

De acordo com Adorno, mesmo com todo o avanço tecnológico e o desenvolvimento das reformas educacionais, ainda não são suficientes para eliminar as mazelas formativas dos sistemas de ensino. Desse modo, é necessário compreender o papel da indústria cultural que possibilita as condições desfavoráveis em relação ao potencial de emancipação dos sujeitos através da educação. Em geral, o que se constata como democratização da informação, é apenas o predomínio da técnica, sem qualquer alteração nas condições estruturais das relações sociais.

Isto diz respeito, de imediato, que para a compreensão educacional adorniana, não se limita a questões de natureza formal, mas estão vinculadas aos conteúdos sociais da *formação cultural (Bildung)*. É importante lembrar também, que educar para a emancipação das pessoas não é apenas possibilitar escola para todos, mas compeli-los rumo a propostas que atendam as exigências para tal emancipação. Desse modo, podemos dizer que as relações de saberes e das práticas pedagógicas estão atualmente se constituindo em inúmeros mecanismos semiformativos.

A semiformação "não pode ser explicada a partir de si mesma, mas constitui resultado de um processo de dominação sistemática da formação cultural por meio dos mecanismos das condições político-econômicas dominantes" (SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p. 114). De fato, esses mecanismos ambientam e povoam as nossas vidas, numa espécie de extensão existencial, isto é, como se não pudéssemos mais viver em outro tipo de sociedade e de outra maneira.

As pseudo-soluções, aparentemente desconexas, estão organicamente articuladas como peças de uma engrenagem social contaminada pelas relações do mercado capitalista. Para Maar (2003, p. 471), a semiformação seria a forma social da subjetividade determinada nos termos do capital. É meio para o capital, e simultaneamente, como expressão de uma contradição, sujeito gerador e transformador do próprio capital.

Para Adorno não basta examinar formação, semiformação ou cultura, tal como estas se verificam na sociedade vigente. É preciso investigá-las tendo como referência o contexto de produção da sociedade, como formação social autogerada pelos seres humanos e apreendidos em sua dialética. Cultura e formação, nesses termos, precisam ser examinadas fora do âmbito estritamente cultural ou pedagógico definidos na sociedade.

Ambas precisam ser investigadas no plano da própria produção social da sociedade em sua forma determinada. Caberia, nesse sentido, decifrar as determinações objetivas e subjetivas do fetichismo e da semiformação. No capitalismo, o que se instala como “cultural” remete à sociedade copiando a si própria, perenizando-a, ao orientar-se pela interpretação retroativa da sociedade já feita.

Desse modo, cultura torna-se a sociedade como ideologia e a formação social, nesse caráter “ideológico”, se produz em *semiformação*. De um lado, a cultura traz a exigência de formar seres humanos autônomos que, de uma forma ou de outra, criam e recriam sua existência (intelectual, social, econômica). Por outro lado, os indivíduos são levados a se adaptar às produções existentes, reproduzindo-as.

Todavia, uma das peculiaridades de Adorno foi ter insistido numa filosofia da negatividade, pois, só ela poderia penetrar profundamente na relação dialética da racionalidade humana. Isso não pode ser visto de forma tranquila. Em sua *Dialética Negativa* (2009), Adorno faz uma dura cobrança em relação ao desenvolvimento positivo do próprio conceito filosófico, pois, compreende a negação enquanto um processo fundamental para o caráter *autorreflexivo* do pensamento. Dessa forma, insiste que a *dialética é a consciência consequente da não-identidade*, por isso não se ocupa antecipadamente com apenas um ponto de vista (2009, p.13).

Essa noção de negatividade do conceito encontra-se radicalizada em Adorno, e foi uma trajetória inevitável que escolheu para pensar a própria filosofia. Para Adorno, a complexidade que implica a *conceitualização* da realidade é o limite do mesmo conceito e das suas próprias contradições dialéticas.

A necessidade da filosofia operar com conceitos não pode ser transformada na virtude de sua prioridade, assim como a crítica dessa virtude não pode ser inversamente transformada no veredicto sumario sobre a filosofia (...). A reflexão filosófica assegura-se do não-conceitual no conceito. (2009, p. 18).

Adorno vai muito mais além do que um simples contraponto a uma positividade *autorreferente*, pois compreende a negação do conceito enquanto um processo *autorreflexivo*. No cerne da criticidade adorniana inscreve-se um método que reinventa a dialética, ao assumir a negação e a negatividade como núcleos produtivos da própria crítica conceitual. Para o filósofo frankfurtiano, pensar é, diante de todo o conteúdo particular, negar e resistir contra o que se impõe.

Desse modo, o uso da razão atribuído apenas ao juízo puramente instrumental, continua sendo problemático. Nesse sentido, para combater uma determinada postura de *barbarização do conceito*, faz-se necessário questionar as formas da “falsa” formação, pretendidas por uma racionalidade instrumentalizada contemporânea. Nesse sentido, queremos insistir na constatação da continuidade daquilo que Adorno, vai caracterizar como *integração total* dos indivíduos pela semiformação cultural.

A análise empreendida por Adorno implica numa retomada da situação insatisfatória dos sujeitos no interior da complexificação das sociedades capitalistas atuais. Sendo assim, a continuidade da dominação do indivíduo no plano da objetividade e da subjetividade tem demonstrado mais o endurecimento da semiformação na constituição do seu caráter. Com as novas formas de dominação do capitalismo isso tem se tornado mais recorrente.

A via de acesso ao substancial da sociedade é o processo de reprodução cultural vigente. Isso corresponde ao caráter duplo da própria cultura. A formação cultural será impotente e enganosa se ignorar a dimensão de adaptação e não preparar os seres humanos para a realidade. Será um duplo falseamento, se buscar unicamente ajustar às pessoas a realidade existente sem desenvolver “a capacidade de resistência”.

As mazelas formativas não são aleatórias ou espontâneas, são frutos de uma lógica perversa que insiste em permanecer em diversos âmbitos da vida humana. Mas a que interesse tal situação responde? A que universo de relações sociais estão vinculadas à condução desse interesse? Na tentativa de compreender essas indagações, podemos pensar que as formas atuais de *semiformação* se instauram onde se supõe *esclarecimento*.

Terceira observação: entrelaçamento entre educação, filosofia e estética

A educação e a filosofia vinculadas aos aspectos da razão instrumental apontam para a avalanche da racionalização dos processos semiformativos que invadiram sobremaneira a

vida humana. Assim, a racionalidade instrumental, ao invés de proporcionar o desenvolvimento das potencialidades humanas, reproduz um sujeito tutelado, assujeitado aos próprios mecanismos repressivos de dominação.

A concepção de Adorno sobre o desencantamento do conceito nos remete à necessidade de levarmos adiante a crítica ao estatuto da própria razão humana. Significa compor uma contraposição ao esclarecimento instrumentalizado que serviu para o entrave das configurações formativas dos indivíduos. Para Adorno, o conceito esqueceu sua ascendência pré-conceitual e isso significou que o pensamento lógico-racional, para autoafirmar-se, abandonou sua origem mítico-expressiva:

Em verdade, todos os conceitos, mesmo os filosóficos, apontam para um elemento não-conceitual porque eles são, por sua parte, momentos da realidade que impele a sua formação – primariamente com o propósito de dominação da natureza (ADORNO, 2009, p.18).

Adorno avança nesse diagnóstico para além de uma visão puramente preventiva da racionalização dos processos sociais. Ele enfatiza a questão do desencantamento do conceito a partir de uma ligação indissolúvel da necessidade de sua autorreflexão. E, ao pensar nisso em termos educacionais, poderíamos nos perguntar: Como essa autorreflexão conceitual pode possibilitar outra perspectiva para a educação? Que implicação teria o desencantamento da educação sobre os processos formativos mais amplos?

As tensões da reflexão filosófica e da ação educativa apontam à necessidade de compreender a razão a partir da expressividade estética. Em outras palavras, significa explorar o conceito de expressividade estética para tomar uma posição em relação ao predomínio da razão instrumental. Segundo Adorno, esta priva o conceito de sua autonomia à medida que reprime suas potencialidades formativas. E, é justamente nesse ponto que queremos mergulhar no significado heterogêneo de uma racionalidade expressiva.

E o que isso significa? Para Adorno, significaria a busca por uma racionalidade expressiva passa pelas tensões e fraturas da própria condição humana expressas nas obras de arte. Em vários de seus escritos, o pensador frankfurtiano apresenta a exigência de a racionalidade buscar seu elemento expressivo, para ir além dela mesma. Se o esclarecimento, como vimos, opera por meio de uma destituição do núcleo expressivo torna-se imprescindível indicar a contraparte que foi reprimida.

De acordo com Adorno em sua *Teoria Estética* (1992):

Aqui tem seu lugar a ideia da arte como reconstituição da natureza oprimida e implicada na dinâmica histórica; ela é verdadeiramente na arte um não-ente. Trata-se, para a arte, daquele outro para o qual a razão identificadora, que o reduziu a matéria, possui a palavra natureza. Este outro não é unidade e conceito, mas pluralidade [...]. Menos do que imitar a natureza, as obras de arte traduzem a sua transposição. Em última análise, deveria derrubar-se a doutrina da imitação; num sentido sublimado, a realidade deve imitar as obras de arte (ADORNO, 1992, p. 152).

O estético converge com o formativo, no sentido de que ambos implicam uma dinâmica não-restritiva do impulso mimético. Nos termos do pensamento adorniano, da experiência autorreflexiva, no reconhecimento do impulso mimético, imanente à vida do sujeito. Essa experiência estética se registra na dificuldade de expressão do fenômeno, que advém do processo histórico da razão instrumental.

Se a experiência estética é de um “estremecimento” do eu diante da natureza que clama pelo não-idêntico, a experiência formativa será, analogamente, a de uma destituição da segurança do eu, de uma razão dominadora. Isso equivale a introduzir na formação a perspectiva de um estremecimento constitutivo do sujeito, um fundamento mimético tanto da experiência estética, como da experiência formativa.

Se a consciência, mediante o desencantamento do mundo, se libertou do estremecimento antigo, aquele reproduz-se permanentemente no antagonismo histórico de sujeito e objeto. Este tornou-se tão incomensurável, estranho e terrífico à experiência, como outrora só o mana era. Encontra-se aí o caráter simbólico (das obras de arte). Assim como ele manifesta tal estranheza, tenta-se aí tornar acessível à experiência o que foi alienado e coisificado. Incumbe às obras de arte perceber o universal no particular (ADORNO, 1992, p.101s.).

Quando se caracteriza o estranhamento promovido pela experiência estética ao mundo como momento da arte, manifesta-se a intenção de uma identidade sem violência que se opõe à razão identificadora. O estranhamento, como momento da negatividade, permitiria a realização das potencialidades humanas, em vez de reprimi-las, o que evitaria a massificação do todo social que produz o enrijecimento do próprio pensamento.

Considerações finais

A educação, para ser efetivamente formativa, é crítica da semiformação e é resistência contra as formas de dominação exercidas no plano da produção da vida. Tal perspectiva não integrada ou integradora seria o ponto de partida, como mediação invertida da ação edu-

cativa. Assim, a necessidade de abertura proporcionada pela sensibilidade estética vem possibilitar o potencial de uma educação estético-formativa.

Desta forma, o que temos é outra estrutura de racionalidade educativa, não só técnico-instrumental. Em vez de um recolhimento meramente cognitivo, de objetivificação do conceito educativo, age no cultivo de uma estrutura estética da recepção da realidade, que pressupõe o diverso, o múltiplo, o diferente, a pluralidade. Para tal percepção, o caminho traçado a partir de Adorno nos ofereceu um novo paradigma, sendo mais que um simples deslocamento do pensamento filosófico.

Um aspecto que vale ressaltar é em relação a uma educação estético-formativa (autorreflexiva), que diz respeito aos seus desdobramentos pedagógicos. Ora, num contexto social no qual imperam os ditames da indústria cultural, é preciso reconhecer a extrema dificuldade de fazer uma experiência educativa (*Erfahrung*) baseada em uma racionalidade que se abra para as possibilidades formativas das obras de arte.

Num mundo de constantes transformações e de instabilidades, tanto nos aspectos econômicos quanto culturais, decorrentes, sobretudo, do avanço das ciências e das novas tecnologias, a educação assume relevância social de destaque, o que nos exige uma maior compreensão do seu caráter crítico-interpretativo das produções estéticas. Para tanto, a escola, os professores e alunos podem promover a reflexão sobre os pressupostos e os interesses que estão na base dos conteúdos do seu projeto formativo.

Na contemporaneidade, a forma de percepção das coletividades e o desenvolvimento das diferentes formas de cultura são profundamente marcados pela presença da indústria cultural. No entanto, é necessário reconhecer, além do aparente acesso democrático às produções simbólicas, os conteúdos ideológicos das obras artísticas, como também suas possibilidades interpretativas. Em outras palavras, é preciso estar atento à dialética entre a difusão da cultura e o seu predomínio apenas como bem de consumo.

A difusão e o consumo dos bens simbólicos acionados pela “indústria cultural” não deixam de ser irônicos, e por isso Adorno asseverou que a liberação prometida pelo entretenimento decreta apenas a falência da integração irracional da coletividade. É nesse sentido que uma concepção educacional que se julga crítica precisa alertar-se sobre as discrepâncias entre os conteúdos ideológicos da indústria cultural e suas realizações semiformativas.

As contribuições de Adorno sobre as influências da indústria cultural aos contornos educacionais referem-se a uma oposição crítica à mera adaptação ao discurso dominante. Assim, uma concepção educacional crítica mobilizaria um clima cultural favorável para estimular a própria experiência formativa. Exigência essa que vai além das simplificações do processo formativo, e que pode combater os desvios da *semiformação*.

Com isso, a desencantamento da educação torna-se possível, desde que a dialética do fenômeno estético, tal como analisada por Adorno, perfaça a dinâmica do entrelaçamento entre mimesis e racionalidade. Mais do que pensar a partir de uma essência absoluta e imutável, Adorno sugere refletir a constituição do desencantamento pela lei de seu movimento estético-formativo, procedimento que responde à exigência de uma *autorreflexão* da experiência formativa da educação. A dialética do desencantamento/encantamento da educação também é antídoto para ela própria.

Se no campo educativo estamos sempre (re)orientando caminhos e horizontes pedagógicos, portanto, precisamos problematizar e redirecionar o conceito de educação a partir da experiência estética. Pois, conforme afirma Adorno: “*A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica*” (ADORNO, 1995, p.121). Assim, a educação não se apresenta como um sistema fechado, mas como um ambiente aberto de descobertas, na busca de outros caminhos oferecidos pelas obras de artes.

Referências

- ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**/trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- _____. **Textos escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- _____. **Dialética negativa**. Trad. de Marco Antonio Casanova, revisada por Eduardo Sores Neves Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- _____. **Teoria Estética**. Trad. Artur Mourão. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1992.
- _____. Teoria da Semicultura (*Hallbildung*). Trad. Newton Ramos de Oliveira com colaboração de Bruno Pucci e Cláudia Moura Abreu. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, nº 56, ano VXII, p. 388-411, dez. 1996.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- DUARTE, Rodrigo. Notas sobre modernidade e sujeito na Dialética do Esclarecimento. IN: **Adornos**: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997 (p.45-63).
- _____. Apuros do particular: uma leitura de *Mínima Moralía*. IN: **Adornos**: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997 (p.145-159).
- MAAR, Wolfgang Leo. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**/trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- _____. Educação, sujeição e crítica na perspectiva de Adorno. In: DALBOSCO, C. et al. **Sobre filosofia e educação**: subjetividade-intersubjetividade na fundamentação da práxis pedagógica. Passo Fundo: UPF, 2004.
- _____. Adorno, semiformação e educação. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, v.83, n.24, 2003. p.459-476.
- NOBRE, Marcos. **A Dialética Negativa de Theodor W. Adorno**: a ontologia do Estado Falso, São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 1998.
- SCHMIED-KOWARZIK, Wolfriedrich. **Pedagogia dialética**: de Aristóteles a Paulo Freire. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ZUIN, Antônio Álvaro S. **Indústria cultural e educação**: o novo canto da sereia. São Paulo: FAPESP e Autores Associados, 1999.